



## III Congresso On-line Nacional de Clínica Veterinária de Pequenos Animais

### PERFIL OTOLÓGICO DE CÃES COM E SEM OTITE EXTERNA ENCONTRADOS NA CLÍNICA VETERINÁRIA UNIFACS – SALVADOR, BA

#### RESUMO

A otite externa é uma doença de origem inflamatória, com curso agudo ou crônico, podendo apresentar-se de maneira uni ou bilateral. Normalmente é uma enfermidade de caráter secundário, em que fatores primários provocam alterações estruturais e funcionais no canal, desencadeando a afecção. Apesar de não acarretar risco direto à vida do animal, sua elevada ocorrência e consequências a longo prazo elevam os custos com tratamento, o que a torna extremamente relevante para a clínica médica de pequenos animais. O objetivo desta pesquisa foi avaliar e traçar o perfil microbiológico presente nas secreções auriculares de cães com e sem sinais clínicos de otite atendidos na Clínica Veterinária da UNIFACS, Salvador – BA. Para isso, realizou-se a anamnese e exame físico de 12 cães, inspecionando-os quanto a presença de otite, seguida da coleta da secreção auricular. Destes, 67% (N=8) apresentavam queixa de otite e 33% (N=4) não. Foram confeccionadas lâminas para análise citológica do material coletado. Os resultados obtidos demonstraram que as dermatopatias podem estar associadas ao surgimento da otite, havendo necessidade de maiores estudos, além disso, nas citologias de cães com e sem sinais de otite observou-se a presença de bactérias do tipo *Coccus* spp., no entanto, as leveduras do gênero *Malassezia* spp., bacilos e associações de cocos não estavam presentes em todos os pacientes. Este fato demonstra a importância da citologia como exame de triagem, associada a outros exames complementares para a realização de um tratamento mais direcionado. Conclui-se que, a otite externa canina é uma afecção de elevada casuística na clínica médica de pequenos animais e que a citologia se configura um exame básico de triagem, mas que, por si só, não traz informações precisas sobre o quadro do paciente, tendo em vista que animais com e sem sinais clínicos apresentam similaridade na composição da microbiota de seu conduto auditivo.

**Palavras-chave:** microbiologia; otopatias; clínica médica.

#### 1 INTRODUÇÃO

O conduto auditivo tem a capacidade de manter o equilíbrio e as funções vitais do ouvido. Com ocorrências de situações adversas nessa estrutura, como a presença de agentes infecciosos, o indivíduo pode desenvolver um processo inflamatório e/ou infeccioso chamado de otite (ALMEIDA, 2014).

A otite é uma das otopatias mais comum na rotina clínica veterinária, sendo mais recorrente em cães (6 a 20% da população) (FONTOURA; VALLE, 2014). Os sinais clínicos observados com mais frequência são: eritema, edema, otalgia, otorrêia e prurido, podendo ocasionar sinais neurológicos em casos mais avançados (CUSTÓDIO, 2019).

As causas envolvidas no surgimento da otite são as mais variadas, podendo ser divididas em fatores primários, predisponentes e perpetuantes (OLINDA, 2010). Os fatores primários são

os causadores, propriamente ditos, da inflamação, a exemplo de ectoparasitas e reação de hipersensibilidade à picada de insetos (SCHERER, 2013). Os fatores predisponentes são os mecanismos que facilitam a instalação do processo inflamatório, a conformação anatômica da orelha é um exemplo disso (HNILICA; PATTERSON, 2018). Já os fatores perpetuantes são os que dificultam ou impedem a resolução do quadro, tais como, enfermidades de origem sistêmica (FONTOURA; VALLE, 2014).

Com base nestes dados e devido a sua elevada casuística na rotina clínica veterinária, especialmente em cães, o presente trabalho teve como objetivo traçar o perfil otológico presente nas secreções auriculares de caninos com e sem otite, atendidos na Clínica Veterinária da Universidade Salvador (UNIFACS), no município de Salvador - BA, identificando desde a anamnese até os exames complementares, os principais sinais clínicos relatados e os microrganismos envolvidos no surgimento e manutenção da doença.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Foram coletadas amostras da secreção auricular de 12 cães. A escolha dos animais ocorreu de forma aleatória, sem critério de idade e sexo, atendidos na Clínica Veterinária da UNIFACS, Salvador – BA. Foi elaborada uma ficha padrão de anamnese, através da plataforma *Google forms*, em que buscava-se conhecer o histórico do paciente quanto a presença de dermatopatias e otite. Durante o exame físico procedeu-se a inspeção do conduto auditivo para analisar a presença de alterações morfológicas, tais como eritema, lignificação, estenose, pústulas, abscessos, otorréia e otohematoma. Em seguida, com o uso do swab estéril, coletou-se o conteúdo de ambos os ouvidos dos pacientes, através de movimentos giratórios no conduto, para posteriormente análise citológica em lâminas de vidro, por rolamento.

Logo após, as lâminas foram coradas com corante panótico, deixando 5 minutos no primeiro corante e 1 minuto nos corantes 2 e 3, secando de forma natural. Ao microscópio observou-se o material com a objetiva de 10x, para pesquisa de ácaros, seguida pela objetiva de 100x com óleo de imersão para observação e contagem das estruturas identificadas.

O esquema de contagem foi feito em 5 campos de perfis similares, em cada campo, com auxílio de um contador manual, foi realizada a contagem de leveduras e bactérias, o resultado de cada campo foi somado e dividido pelo total de campos analisados. A classificação dos microrganismos encontrados foi feita com base no esquema de cruces em que, para análise de leveduras: nenhuma, era quando não se via leveduras; raras, de 1 a 3 leveduras por campo; uma cruz (+), de 4 a 10 por campo; duas cruces (++), de 11 a 18 por campo; três cruces (+++) de 19 a 24 por campo e quatro cruces (++++) , acima de 25 leveduras por campo. Para análise de bactérias, foi utilizado o mesmo esquema, em que: nenhuma, para bactérias ausentes; raras, quando havia 3 a 10 bactérias por campo; (+) quando haviam de 11 a 20 por campo; (++) quando haviam de 21 a 30 por campo; (+++) de 31 a 50 por campo e (++++) acima de 50 bactérias por campo. Esta classificação baseou-se naquela já empregada pela unidade de laboratório de análises clínicas terceirizado e instalado nas dependências da Clínica Veterinária UNIFACS, tendo em vista a inexistência de um padrão.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 12 animais avaliados, 8 tinham sinais clínicos de otite e 4 não foram relacionados com a queixa principal do atendimento. A maioria dos participantes era machos, correspondendo a 75% do total de animais analisados (N=9), os 25% restantes eram fêmeas (N=3). Através da ficha de anamnese, constatou-se que todos os pacientes com otite também tinham dermatopatias em concomitância e, dos pacientes sem otite, apenas 1 apresentava

dermatopatia. Os principais sinais clínicos encontrados nos animais com otite foram eritema, prurido e odor.

Por meio da citologia, verificou-se que os microrganismos mais presentes nas amostras de ouvido de pacientes com e sem sinais clínicos de otite foram: cocos isolados, presentes em 100% dos pacientes analisados, seguidos por células leveduriformes com brotamento em base larga (*Malassezia sp*), estando presentes em 100% dos pacientes com sinais de otite (8 de 8) e em 75% dos pacientes sem sinais clínicos da doença (3 de 4), bacilos, presentes em 37,5% dos pacientes com sinais de otite (3 de 8) e ausente nos pacientes sem sinais de otite, diplococos, presentes em 25% dos pacientes com sinais de otite (2 de 8) e 25% dos pacientes sem sinais de otite (1 de 4), os detalhes do perfil microbiológico dos pacientes com e sem sinais de otite foram organizados em tabelas didáticas (Tabela 1 e 2).

**Tabela 1:** Perfil microbiológico dos pacientes com sinais de otite atendidos na Clínica Veterinária da UNIFACS.

Pacientes com otite	Ouvido direito	Ouvido esquerdo
Paciente 1	Malassezia rara; bactérias raras	Amostra escassa
Paciente 2	Malassezia (++); bactérias (++)	Malassezia (+); bactérias (++)
Paciente 3	Malassezia (++); bactérias (+)	Malassezia (+++); bactérias raras
Paciente 4	Malassezia (+++); bactérias raras	Malassezia (+++); bactérias raras
Paciente 5	Malassezia ausente; bactérias (+++)	Malassezia (+); bactérias raras
Paciente 6	Malassezia rara; bactérias (+++)	Malassezia rara; bactérias (+++)
Paciente 7	Malassezia (+); bactérias (+)	Malassezia (++); bactérias (+)
Paciente 8	Malassezia rara; bactérias (+)	Malassezia ausente; bactérias (+)

**Tabela 2:** Perfil microbiológico dos pacientes sem sinais de otite atendidos na Clínica Veterinária da UNIFACS.

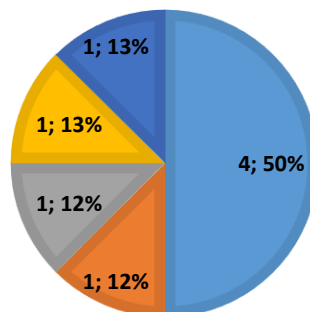
Pacientes sem otite	Ouvido direito	Ouvido esquerdo
Paciente 1	Malassezia (++); bactérias (++++)	Malassezia (+); bactérias raras
Paciente 2	Malassezia (+); bactérias (++++)	Malassezia (+); bactérias raras
Paciente 3	Malassezia rara; bactérias (++)	Malassezia rara; bactérias (+)
Paciente 4	Malassezia ausente; bactérias raras	Malassezia ausente; bactérias raras

Ressalta-se que a principal raça acometida por otite neste trabalho foi Shih Tzu, representando 57% dos pacientes (N=4) (Gráfico 1), as demais raças tiveram o mesmo número, como demonstrado em gráfico.

**Gráfico 1:** Principais raças com sinais de otite atendidos na Clínica Veterinária da UNIFACS.

## RAÇAS

■ Shih Tzu ■ Bulldog ■ Pug ■ Maltês ■ Poodle



## 4 CONCLUSÃO

A partir do presente estudo concluiu-se que a citologia é um exame básico de triagem otológica que pode ser solicitado pelo médico veterinário clínico para nortear o tratamento, mas não como diagnóstico definitivo. No presente estudo foi possível observar que todos os pacientes com sinais clínicos de otite apresentaram *Malassezia* spp. no conduto auditivo, da mesma forma que os bacilos só foram encontrados em pacientes com sinais da doença. Em contrapartida, cocos isolados foram vistos em animais com e sem sinais clínicos, não havendo um parâmetro comparativo. Ademais, das raças acometidas com a afecção otológica, os braquicefálicos foram os principais representantes neste estudo, sendo a raça Shih Tzu a mais acometida. É necessário salientar que a realização de exames mais específicos, como cultura fúngica, bacteriana e PCR, é essencial para obter diagnóstico e terapêutica mais precisos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. S.; **Pesquisa de Mollicutes no conduto auditivo de cães saudáveis e com otite externa**. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Biociência Animal) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal – Recife, 2014.

CUSTÓDIO, C. S. **OTITE EXTERNA EM CÃES: REVISÃO DE LITERATURA**. Monografia (graduação), Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Curitibanos, graduação em medicina veterinária, 2019.

FONTOURA, E. G; VALLE, B. D. S. **Revista Científica de Medicina Veterinária: Pequenos Animais e Animais de Estimação**, 2014.

OLINDA, R. G.; FEIJÓ, F. M. C.; ALVES, N. D.; AMORIM, R. N. L; ALVES, H. M.; BATISTA, J. S.; OLIVEIRA, M. F. **Otite bacteriana em cateto (*Tayassu tajacu* LINNAEUS, 1758) criado em cativeiro**. Acta Veterinária Brasília, v.4, n.2, p.113-117, 2010.

**HNILICA, K. A.; PATTERSON, A. P. Dermatologia de Pequenos Animais: Atlas Colorido e Guia Terapêutico.** 4a edição, Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

**SCHERER, C. B.; HORTA, R. S.; VAL, A. P. C. Otite externa em cães.** Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia, nº 71, 2013. ISSN: 1679-6024.